



**A Vale e o Instituto Agroecológico Latino Americano Amazônico (IALA),  
Parauapebas/PA**

O moderno e o arcaico?

*The Vale and the Agroecological Institute of Amazon Latin American (IALA),  
Parauapebas/PA*

*The modern and the traditional?*

BRITO, Arthur Erik Monteiro Costa de<sup>1</sup>; GOMES, Dérick Lima<sup>2</sup>

1- Graduando em Geografia – UEPA, Bolsista voluntário PIBIC/FAPESPA/UEPA,  
[arthur182@hotmail.com](mailto:arthur182@hotmail.com); 2- Graduando em Geografia – UEPA, Bolsista PIBIC/FAPESPA/UEPA,  
[dericklima16@hotmail.com](mailto:dericklima16@hotmail.com).

Seção temática: 1. Sócio biodiversidade e território

**Resumo**

No município de Parauapebas (Pará) assim como no espaço Amazônico visto em âmbito geral, notam-se diferentes modelos de desenvolvimento socioeconômico, na área estudada, por exemplo, de um lado a empresa Vale simboliza um modelo com ideologias pautadas em certa modernidade e no outro polo o Instituto agroecológico Latino Americano Amazônico (IALA), situado dentro do assentamento de reforma agrária Palmares II estruturado e mantido pelo Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sabendo disso, nosso objetivo se restringe a problematizar a partir de um olhar geográfico do conceito de *lugar* esta noção de modernidade e atraso que respectivamente os dois modelos acima geralmente expõem. Utilizando-se de referências bibliográficas e dados observados em trabalhos de campo notamos que estas questões são bem mais complexas do que parecem principalmente por perpassarem por temáticas interdisciplinares que estudam a relação que o ser humano possui com seu lugar.

**Palavras-Chave:** Camponês; desenvolvimento; Lugar.

**Abstract**

In the Parauapebas municipality (Pará), like in the Amazon space seen at the general level, is perceptible many different models of social and economic development, in the study area for example, the company Vale symbolizes a model with ideology based on modern speech and in the other side the agroecological institute of Latin América locate in community of land reform Palmares II support for without land rural workers movement. So, our aim is understand the geographic concept of *place* and relate with the idea of modern and traditional. Using bibliographies references and information of observation at fieldwork, we realize that questions are very complex because speak about intersubjective of relations between men and place.

**Keywords:** Peasant; Development; Place

**Introdução**



A Amazônia por muito tempo foi e ainda é vista por muitos grupos sociais como uma imensa fonte de matéria prima que necessita de exploração, utilizando este último termo como sinônimo de desenvolvimento. Porém, sobretudo após a segunda metade do século XX o que se viu foi um indiscriminado avanço de empresas de grande porte na direção de pontos estratégicos do espaço amazônico, o que ainda hoje geram uma serie de impactos ambientais demonstrando o pequeno grau de desenvolvimento sócio econômico provocado por elas e o alto nível de desenvolvimento (GONÇALVES, 2012) que estas possuem com o ambiente físico amazônico e com suas populações.

O sudeste paraense, região que chama a atenção por possuir um dos maiores reservatórios mineralógicos do mundo (Carajás) também entrou na lógica dos grandes projetos como fonte de desenvolvimento. A materialização desta afirmação se deu principalmente em meados da década de oitenta com a inauguração pela Vale do Rio Doce da estrada de ferro do projeto Grande Carajás (PGC), este percurso, vai de Parauapebas até o porto de Itaqui no Maranhão na intenção de comercializar em escala global os diversos minérios extraído da região, fato que gerou uma (Re)estruturação na dinâmica espacial deste território.

Em 1994, após quatro anos de fortes tensões entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Estado e a então Vale do Rio Doce, é formado o assentamento de reforma agrária Palmares II, dentro do município de Parauapebas, porém, fora do núcleo urbano do mesmo. Assim, neste trabalho objetivamos demonstrar a partir da categoria de *lugar*, a relação de conflito ideológico entre dois modelos de desenvolvimento que se encontram em extrema proximidade geográfica e inseridos no município anteriormente citado.

O estudo tem seu método baseado em uma perspectiva dialética, fazendo uma análise comparativa proporcionada a partir de uma pesquisa bibliográfica que desse embasamento teórico para o estudo de caso, em conjunto a visitas realizadas ao lócus da pesquisa e levantamento fotográfico de pontos importantes.



## **SE ENVOLVER OU (DES) ENVOLVER COM A TERRA?**

A discussão neste trabalho gira em torno das questões de tradição e modernidade, o que geralmente se vê em discursos simplistas acerca do modelo de desenvolvimento econômico e social expresso pela empresa Vale e o modelo agroecológico do instituto estudado.

A Empresa Vale, como símbolo do primeiro modelo de desenvolvimento pautada em uma lógica capitalista com a terra e seus recursos é um complexo que não se restringe somente à região de Carajás, esta possui unidades espalhadas por todo o território brasileiro onde participa de circuitos econômicos não somente ligados ao minério de ferro, manganês, e bauxita mas também pela madeira, papel e celulose (SANTOS E SILVEIRA, 2012).

O IALA se localiza no interior do assentamento Palmares II, mas faz parte de uma estrutura que se interliga com escalas bem mais amplas, sua origem remonta à Via Campesina em uma tentativa de articular redes de institutos de agroecologia na América Latina: Os “IALAs”. No ano de 2009 foi deliberada a criação do IALA Amazônico no assentamento Palmares II, porém, somente em 2011 as ações se explicitaram, principalmente com a realização do “curso de especialização em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Pan-Amazônia”, (BARBOSA, 2014, p.59).

Indo no sentido oposto ao idealizado pelo agronegócio, o IALA, ressalta a importância da expansão de seus conhecimentos aos assentados da comunidade Palmares II e o fortalecimento de uma base agroecológica que esteja interligada em diferentes escalas e a diferentes dimensões da sociedade, valorizando a cultura camponesa. O que se pode notar dessa forma, são dois modelos que funcionam sob normas díspares e conseqüentemente provocam resultados diferentes no meio ambiente (CASTRO, 1999).

Na questão cultural, por exemplo, o espaço de uma produção agroecológica a nosso ver, deve aliar sua funcionalidade político-econômica com os aspectos simbólico-



culturais de afetividade com a terra, necessários a um modelo de desenvolvimento que não se “des-envolva” com a terra, ou seja, a terra se tornaria um *lugar*, um mundo de significados organizados, prenhe de valores e sentimentos. O lugar seria então a base de um profundo envolvimento emocional, que só pode ser experimentado a partir da criação de “raízes” em determinado espaço, sentimento que se ganha com o tempo e não de imediato (HOLZER, 1999).

Referente a esta questão, percebe-se uma das principais diferenças entre os dois modelos. Observando o intenso impacto ambiental causado pela empresa Vale na área e na própria faixa Carajás-São Luís interpretamos que o molde pautado neste grande e “moderno” projeto que supostamente traria progresso, traz acima de tudo impactos que espelham o seu desvinculo com a terra, ou seja, o conceito de lugar como núcleo de afetividade se afasta totalmente dessa realidade.

Então, a ideologia de desenvolvimento moderno nesse sentido estaria ativamente ligada a um desvinculo com a terra? E como contraponto o saber agroecológico, taxado intencionalmente de tradicional, arcaico, teria em seu centro a relação forte com a terra? E isto nos levaria ao conceito de lugar?

Em nossa visão a agroecologia interligada a um saber científico e a um conhecimento campesino com seu núcleo de identidade na terra, no trabalho e na relação familiar (WOORTMANN, 1990) sempre possuirá um forte vinculo com este espaço, que se mostrará rico se analisado pelo conceito de lugar, o que nos mostra que esta ideologia de modernidade fortemente estruturada no Brasil principalmente na segunda metade do século XX deve ser refutada se levar a consequências como as observadas na região de Carajás pela empresa Vale.

### **Considerações finais**

O espaço amazônico, sobretudo na segunda metade do século XX mostra-se bastante heterogêneo quanto a modelos de desenvolvimento socioeconômicos divergentes, nesse contexto o município de Parauapebas detém em forte



proximidade geográfica dois modelos extremamente divergentes a nosso ver. De um lado a empresa Vale simboliza um modelo e no outro polo o Instituto Agroecológico Latino Americano Amazônico situado no assentamento Palmares II representa outra ideologia.

Pelo que foi percebido na pesquisa esta ideologia de modernidade em sua relação com a terra se aproxima muito mais de um des-envolvimento (GONÇALVES, 2012) do que de um desenvolvimento por provocar inúmeros impactos socioambientais à região de Carajás. Em oposição, o modelo agroecológico pautado pelo IALA se aproxima bem do conceito de *lugar* visto como uma relação de intensa proximidade e afetividade com determinado espaço (HOLZER, 1999), onde o camponês trabalha na terra não perdendo de vista o equilíbrio entre o social e o ambiental.

Sendo assim, as noções de moderno e tradicional não podem carregar em si juízos de valor simplistas, tal como, sentidos maniqueístas deterministas, haja vista que o “tradicional” neste trabalho, por exemplo, em sua relação mais equilibrada com a terra se torna o caminho mais racional a se seguir, indo na contramão do pensamento de que sempre o moderno é o melhor.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, Marcelo Bruno Ribeiro. **Territorialização contra-hegemônica: o IALA amazônico e a construção de um projeto camponês na América Latina.** Trabalho de conclusão de curso . UNIFESSPA, 2014.

CASTRO, Edna. Tradição e Modernidade: a propósito dos propósitos de trabalho na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, vol.2, nº1 – dezembro 1999.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias.** 3º ed. São Paulo: contexto 2012.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território.** Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78. jul./dez. 1999.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 16º ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. 476p.



WOORTMANN, Klaas. "Com Parente Não se Negueia": O Camponato como Ordem Moral. **Anuário antropológico/87**. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.